



A Arcádia

Órgão de história – Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com



ANO II Sexta, 14 de outubro de 2016 N°15

Escola de Economia Doméstica de Esperança

A criação de escolas domésticas na Paraíba (1950) sofreu forte influência da ANCAR, serviço de extensão rural, e da Escola de Agronomia do Nordeste (EAN). Foi a partir desta parceria que, em 27 de agosto de 1956, surge em Esperança o primeiro “Centro de Treinamento de Economia Doméstica”, ligado à Escola de Agronomia de Areia, no brejo paraibano.

O objetivo era propiciar às jovens esperancenses o aprendizado das prendas domésticas, como culinária e corte-costura além de outras atividades que eram desenvolvidas. A escola doméstica congregou as artesãs e formou diversos profissionais, dos quais alguns ainda laboram neste ramo.

As primeiras alunas concluíram o curso em 15 de dezembro de 1957, em cuja solenidade foram entregues os certificados, contando com a presença do Dr. Luiz Carlos de Lira Neto, diretor da Escola de Agronomia do Estado, procedendo-se com uma exposição dos trabalhos dos formandos e um coquetel para os convidados.

À noite houve um baile ofertado pelos concluintes, festa esta que teve lugar na Escola “Irineu Joffily” com a nata da sociedade esperancense.

Nesse primeiro ano de funcionamento, a Escola Doméstica de Esperança formou duas turmas. A primeira era assim constituída: Adalcina



Uma das turmas formandas da Escola Doméstica

Soares, Clotilde Valentim, Creuza Rocha, Maria de Lourdes Oliveira, Maria de Jesus Sales, Maria Nazaré Sales, Cícera Duarte, Estela Cândida, Maria Rodrigues, Lúcia Meira, Maria Coeli Firmino, Bernadete Celestino, Josefa Maria de Oliveira, Lindalva Leite, Luzia de Souza, Maria do Carmo, Maria das Neves e Terezinha Santiago.

Da segunda, temos as senhoras: Benigna C. Meira, Bernadete Maria dos Santos, Carminha Cardoso, Edite M. da Costa, Eva Jacinto, Francisca Faustino, Hilda Farias, Isabel Fernandes, Margarida Palmeira, Maria Amaral, Maria do Socorro Melo, Maria do Socorro Araújo, Maria do Socorro Fernandes, Maria do Socorro Braga e Severina Lins.

Foram paraninfos da turma: Luiz Carlos de Souza Neto, Joaquim Virgolino da Silva e Tancredo Coelho.

Anos depois, ingressaram nesta escola como professoras, as senhoras Nevinha Costa e Viva Duarte. >>> Saiba mais visitando o BlogHE no endereço eletrônico: historiaesperancense.blogspot.com



EXPEDIENTE:

A Arcádia - Jornal de história

Publicação Mensal - Ano II, N° 15

Redatores: **Rau Ferreira/Hauane/Heloíse**

Contato: historiaesperancense@gmail.com

Aceita-se produção textual e contribuições:



APPTA E SUAS CONQUISTAS

Os agricultores da associação do Sítio Timbaúba em Esperança conseguiram melhorar de vida e inclusive resolver o problema da moradia por meio do associativismo.

A associação dos Pequenos Produtores de Timbaúba e Araras (APPTA) foi fundada em 14 de dezembro de 1990, para dar apoio aos pequenos produtores rurais, com abrangência nas localidades de Timbaúba, Araras e adjacência. A sede fica no Sítio Timbaúba. Ela mantém um blog informativo acerca de suas atividades (<http://associacaodetimbaubapb.blogspot.com.br/>).

Com participação ativa na vida da comunidade, realiza e participa dos principais festejos (padroeiro, dia dos pais, das mães, das crianças e etc) e desenvolve diversos projetos, a exemplo do “Timbaúba Verde” cujo objetivo é “Contribuir com o reflorestamento da nossa região, produzindo mudas nativas, frutíferas, medicinais e ornamentais”.



Através de projetos e reivindicações conseguiram comprar um carro para a associação, construir uma igreja, a sede própria e até a construção de casas através do governo do Estado.

A eletrificação rural também foi uma conquista dos associados, além de cursos de corte costura e de artes manuais.

Na associação há um viveiro de mudas que fornece sementes para a comunidade, cujas plantas ainda são vendidas e revertida a renda em prol da comunidade. Ela também colabora com a feira agroecológica aos sábados, proporcionando um alimento saudável a um custo acessível.

PONTO DE HISTÓRIA

FÁBRICA LEÃO DO NORTE

Fabriquetas de fundo de quintal são comuns em todo lugar. Em geral se obedece a uma receita caseira e com algum conhecimento da mistura se consegue um resultado satisfatório.

O nosso município já experimentou várias delas. Quando menino, lembro que na rua José Andrade se fabricava sabão. O produto era vendido na feira e tinha boa aceitação. Perfumes, garrafada e doces tudo isso era comum naquele tempo.

Por esses dias uma publicação do "reeditadas" de Evaldo Brasil mereceu um comentário de Odaildo Taveira. Dizia o velho amigo que naquela esquina, entre as ruas Santo Antônio e Joaquim Manoel já funcionava uma fábrica de vinhos.

Pois bem. Na oportunidade, firmei o compromisso de contar aquela história. Para tanto fui em busca dos meus arquivos, e encontrei uma entrevista concedida em 2011 por Saro Amâncio.

Disse o saudoso esperancense, naquela oportunidade que: "Em Esperança tinha uma fábrica de vinho de Tiago Amorim, que era ali no beco, bebida de caju, jurubeba uma planta medicinal".

O preparo era fácil. Punha-se o açúcar no fogo e mexia até obter um "melado", depois misturava o suco da fruta com um pouco de cachaça para dar o sabor alcoólico. Era muito parecido com "cachimbo" que as mulheres fazem para recepcionar as visitas no seu resguardo. Na verdade, o vinho era como um licor.

Segundo a narrativa, as vendas haviam caído bastante e precisavam de um atrativo. Tiago então convidou um cantador para fazer

uma glosa e divulgar o produto. O escolhido foi João Benedito, que tinha bastante fama na região. Natural de Esperança, residia na rua do Boi e andava por aí fazendo seus repentes de cunho filosófico.

João parou por um instante, observou os vinhos nas prateleiras, perguntou de que eram feitos e qual era a marca. Depois de algumas respostas, cantou esses versos:

*"Eu não digo por ser crítico/
e nem por combater ao assédio/
mas isso aqui serve de remédio/
ao mais pior paralítico/"*

*Faz o novo ficar forte
e o velho virar criança/
bebendo o vinho de Esperança/
da fábrica Leão do Norte".*

E dizia Odaildo naquele seu comentário que esta era "uma gostosa lembrança". E por falar em memória, parece-me que naquele mesmo ponto funcionou a antiga fábrica de redes.

A edificação está para sofrer reformas, talvez venha a baixo para dar lugar a outra construção. Foi essa a advertência que nos fez Marquinhos da Xerox, quando intercedeu junto a Evaldo para registrar em foto a beleza daquela esquina.

O interessante e que na cidade alguns prédios de esquinas têm esse formato arredondado. Não sei se era a arquitetura da época ou mesmo se havia alguma legislação a respeito, determinando que se fizessem curvas para melhorar a visão. O fato é que ainda existem alguns que seguem esta estética.

Para conhecer melhor, visite o blog de Evaldo. O seu "reeditadas" têm muita perspectivas e imagens municipais.

P&P – PÁGINA POÉTICA

A CAPELINHA

Aos olhos de quem poucas vezes viu,
Eis a capela, torre d’aliança,
Dos passeios domingais ... Quanta lembrança
Do grito em “ ecos ” que não mais se ouviu!

O sacrossanto altar assim surgiu
Duma promessa a uma virgem santa,
E na promessa a fé tornou-se tanta
Que ao santuário o céu também se abriu.

Sobre um lajedo de origem bruta
Ei-la ostentando, a serena gruta,
Que aos olhos de quem vê reluz e encanta!

E lá, buscando a paz d’alma carente,
De joelhos em oração, vê-se presente
O peregrino ante a Virgem Santa!

psdedoria



A Capelinha – Arte de Amanda Leite

O nome [dela]

A morte tem nome de mulher
Cada um escolhe o que quer
Dos Arianos, Caetana;
Dos Cabraus, Severina.
Mas tudo é nome de mulher
Cada qual figura a tal sina
Só não vá perder a sua fé
Ser beato sem batina
Que quando ela vier
Vai levar de roupa fina
Vai de Caetana à Severina
Prá’quele salão lá no alto
Que toma conta o Barnabé
Àquela ave de rapina

Que abre as portas do “Soleil”
Ou fecha o porão da Cafetina
Segundo o que se destina.
Esta ave banca e tosca
Do mundo de junto-pés;
Aquela figura meio barroca
Que te aguarda no final deste convés
Que se chama Vida!...
A morte tem nome de mulher
Tu escolhes a que tu queres.

Banabuyé, 10 de agosto de 2016.

Rau Ferreira